

The background is a teal watercolor wash with a white, cloud-like or map-like shape in the center. Several small white dots are scattered across the teal background. The text is centered in a dark teal, serif font.

MARCAS
ESCREVIDAS



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
JERÔNIMO RODRIGUES - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA - REITOR
MAURÍCIO SANTANA MOREAU - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente
Alexandra Marselha Siqueira Pitolli
Andréa de Azevedo Morégula
Carlos Pereira Neto
Dejeane de Oliveira Silva
Elson Cedro Mira
Iracildo Silva Santos
Luciana Sedano de Souza
Lurdes Bertol Rocha
Maria Cristina Rangel
Maria Luiza Silva Santos
Maurício Santana Moreau
Raquel da Silva Ortega
Sabrina Nascimento

NEUZAMARIA KERNER

MARCAS ESCREVIDAS

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2021

Copyright ©2021 by NEUZA MARIA KERNER VIREIRA

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO

Tikinet Edição LTDA

CAPA E FINALIZAÇÃO

Sabrina Nascimento

REVISÃO

Tess Chamusca
Roberto Carvalho

IMAGEM DA CAPA

Passaio na Floresta, de Henri Rousseau

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K39 Kerner, Neuzamaria
 Marcas escritivas / Neuzamaria Kerner –
 Ilhéus, BA: Editus, 2021.
 142 p.

ISBN: 978-65-86213-59-1

1. Poemas em prosa brasileiros. 2. Escritoras
brasileiras. 3. Escritoras brasileiras – Bahia. I.
Título.

CDD 869.1

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB 5/1533

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



AGRADECIMENTOS

Agradeço a Baísa Nora, sempre amiga, pela generosidade pelas sugestões, pela paciência, pelo olhar atento sobre o que *escrevivo*.

“Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com a claridade do já decifrado. Escrever é dividir-se.” (Barolomeu Campos de Queirós)

“Só mesmo o sublime pode ajudar no trivial da vida.” (Alain Fournier)

Por isso, dedico estas ‘marcas escrevidas’ a Lily, minha nora e amiga.

A Luciano.

A Fabrício.

A Gentil e Cilza.

Por isso também dedico

Ao Clube do Livro da Biblioteca de Domingos Martins: Ana Maria, Maria Ângela, Aparecida Lúcia, Carlos Henrique, Eliane, Emílio José, Gracinha, Gustavo, Josué, Maurício, Rosana, Sérgio Luiz, Sofia, Solange, Thereza Christina.



*“És de beleza um portento
no perfil e nas formas puras
mas beleza sem talento
é um palácio às escuras”.*

(Trova de domínio público que meu pai dizia, quando eu era criança, para me motivar para a leitura).




Sumário

PREFÁCIO /	13
O PORQUÊ DE MARCAS	
ESCREVIDAS /	17
SÚPLICA POR UM INCÊNDIO /	25
SEM SONATA /	26
A FÚRIA /	27
VIRULÊNCIA /	28
SITIADOS /	29
VALENTIAS /	30
PRESENÇA /	32
ONDE /	33
VIDA /	34
ESCREVENDO /	35
ROSANA /	36
EM BUSCA DA IDENTIDADE /	37
CAMINHANTE /	38
QUINTA ESSÊNCIA /	40
RECONHECENDO O CAMINHO /	41
ESTRADAS /	43
REVOLUÇÃO /	44
PONTUALIDADES /	45
MALABARISTAS /	46
PEDIDO /	47
SOMENTE VÓ /	48
VIDA E MORTE /	50
AVE, VIDA! /	51

QUARESMEIRAS /	52
ANJO DO CAMINHO /	53
ALMA ANDADEIRA /	54
MENINO-HOMEM /	55
MENINA-MULHER /	56
COISAS DO FASTIO I /	57
ILUSÃO /	58
ESTOU CHEGANDO, ÉVORA! /	59
FESTEJO /	61
SAUDADE DE MIM EM ÉVORA /	62
TUA VOZ, ÉVORA /	63
ALMA PORTUGUESA /	65
PAVÕES DE ÉVORA /	67
MOMENTO AZUL /	69
ALFAMA /	70
SINOS /	71
TEMPLO DE DIANA /	73
AMIGO, POR TUDO ISSO... /	74
INDECISÃO /	76
O TREM /	77
SANTUÁRIO DA PERFEIÇÃO /	78
ESPAÇO NA ESTRADA /	80
VIDA DE PASSARINHO /	82
MAR E TEMPO /	84
BACO E O ARTESÃO /	86
OLHA /	87
NEBLINA /	89
RAJADAS DE LUZ /	90

LUZ / 91
A VOZ DA MONTANHA / 92
REVIVÊNCIA / 93
SOBRE LEIS / 94
A COR DE DEUS / 95
DESNUDAR-SE / 97
GOL NAS NUVENS / 98
ALEGRIA / 100
ALPISTE NO BANQUETE / 101
VIAGEM / 102
FONTES DE ANCHIETA E DE KAHENA / 104
LUIZA / 106
CURADORA NO ESPAÇO / 107
QUE VENHAS / 108
O FIM / 109
COISAS DO FASTIO II / 110
NÓS E OS ROBÔS / 111
COMPARAÇÃO / 112
ANIVERSÁRIO / 113
DOS OLHOS / 114
PACTO / 115
ENTRE O FAROL E O MAR / 116
SEM COR / 117
NOS LENÇÓIS / 118
NADA / 119
JURAMENTOS / 121
NA BEIRA DA LUZ / 125
AOS POUÇOS / 126



CARNAVAL /	127
CORAGEM /	128
BULIMIA /	129
NA MADRUGADA /	130
A QUEIMADA DO MUSEU /	131
O ORÁCULO E EU /	132
ENIGMA /	133
SALVA-DORES /	134
A FACE DO VENTO /	135
VISÕES DA INFÂNCIA /	136
A NAÇÃO /	137
UNIDADE EU-NÓS /	138
O QUE ESPERAM DO POETA /	139
ORAÇÃO /	140
VIAJANTE /	141
O QUE VOS ESPERA /	142

PREFÁCIO

ZONZURA: DAQUI, SE VÊ O MUNDO

No trajeto da leitura de **Marcas Escrevidas**, há passagens de tirar o fôlego. Neuzamaria sabe como provocar *zonzuras* em quem leia seus poemas, desde quando se faça isso com os terminais da alma expostos. São verdadeiros pontos, construídos em forma de versos, dos quais se pode experienciar a consumição e o êxtase. Isso decorre de duas situações fundamentais, a partir do material e da ideia com que Neuzamaria elaborou as **marcas**, que não são apenas escritas; ao contrário, foram – e continuam sendo – vividas.

No terreno da linguagem, as marcas transbordam a inventiva constantemente. Não basta o dicionário à disposição de todos; é preciso mais, ir mais além. É justamente nesse ponto que a poeta reinventa o léxico vezes sem conta, criando novos verbos, novos nomes. Maior exemplo se estampa no título deste seu novo livro, com o verbo **ESCREVIVER**. Não basta gastar o léxico disponível; é necessário,

a quem sabe lidar com a natureza do idioma, mergulhar na vida e viver escrevendo, escrever vivendo. Primeiro, passar pelo moedor da existência; depois, pela agonia do escrever. Essas duas situações, no entanto, não se realizam em separado. Não são dois níveis estanques, um do fazer; outro do viver. Ao contrário, constituem-se num verdadeiro imbricamento em que um não se faz sem o outro.

Neuzamaria sabe muito bem o que é viver no estonteamento da inspiração. E ao tempo que vai fazendo a costura poemática do fazer e do viver, também expõe os vendavais causados pelo próprio estado netuniano de quem traz na pele expostos os terminais da intuição artística. Nisso, ela faz de conta que o estonteamento é dela quando, na verdade, é de nós todos, humanos que somos, mas nos falta o dom de poematizar. E nisso, ela foi abastecida pela Mãe Natureza, com um cabedal que, ainda distribuindo, vendendo ou emprestando, vai sobrar no silo de armazenagem.

O que à primeira vista seria uma confissão de sua *zonzura* particular, Neuzamaria discorre sobre a nossa *zonzura* por estarmos na existência. Depois de

desejar incendiar-se (e isso nada tem a ver com o atode suicidar-se: *Dá-me um fósforo, ó meu Pai*), ela se identifica, no ato de *escrever*, com Sísifo, a quem o chama de *meu irmão de labuta*.

São vários os poemas em que divindades de várias culturas são reconhecidas como fazendo parte do imaginário da humanidade e, por isso mesmo, lembradas quando não, invocadas. E enquanto isso, Neuzamaria faz até mesmo de suas viagens internacionais motivos para abrir os porões de sentimentos, independentemente das fronteiras geográficas. Assim, ela consegue arrancar, tanto aqui quanto ali, as ostras grudadas em nosso espírito, e cuidadosamente, extrair delas verdadeiras e raras pérolas.

Quem foi que disse que Neuzamaria consegue se desvencilhar do poema? E lá, nas páginas derradeiras, ela para e reza. Fazendo-se pitonisa do *Oráculo da Poesia*, aconselha-nos em estilo bíblico:

Não vos preocupeis

com a passagem do tempo.

Não vos assombreis

com o futuro (impenetrável)

porque o que lá existe

é o vosso próprio destino.

(Viram? Para que sinais de pontuação?)

Se formos mais atentos, veremos na configuração formal desse poema uma escada cujos degraus nos levam a um processo de interiorização, pois somente assim teremos respostas verdadeiras para as indagações que nos fazemos a respeito de nosso futuro e do nosso destino. Cumpre observar o asseveramento: Não vos preocupéis. Não vos assombreis.

Então, o livro termina sua missão. Justamente por isso, Neuzamaria se rende em ato final de agradecimento. E seu imaginário vai buscar no seu tempo de menina o costume de pedir a bênção, agora reinventado:

A **bênção**, Inteligência Universal,
para nós todos, jornadaeiros!

Ruy Póvoas, Babalorixá,
Professor e Escritor

O PORQUÊ DE MARCAS ESCRIVIDAS

Neste momento, sinto que estamos sitiados pela vida. Não no sentido absoluto ou desconfortável que a palavra ‘sitiado’ possa sugerir. Sou contra, terminantemente contra, a dependência da infelicidade. Minha vocação é para o contrário, mesmo em tempos de reclusão compulsória. Por isso, ao me sentir assim, vou deixando minhas marcas ao transitar porque entendo, aceito e acolho a impermanência de tudo e isso me faz poeta onde não há terra firme ou mar sereno o tempo inteiro. Isso é pra quem tem juízo em tempo integral:

*Transito na transição
enquanto bombas ardem no Oriente.
Em todos os orientes
estrelas se escondem
no vasto céu da minha boca.
Eu, cada vez menos louca
apenas lanço a palavra
que resiste na poesia que ainda resta.
Em festa, um maldito invisível vírus*

*- não se sabe de que oriente oriundo –
baila nos pulmões do mundo
e segue inconsequente.*

*Na grande água
uma rosa de ventos
sufoca só em desalentos
porque não mais se orienta
no escuro de cada ponta estelar.
Assim a rosa murcha marcha
num rumo incerto
sem saber se em algum oriente
voltará um dia a brilhar.*

*Transito apenas vivendo
e sentindo o sal de lágrimas várias
que enchem o meu mar
que transborda nas águas todas
que vêm do mundo.*

Palavra e lágrima que não são somente minhas: Marcas nossas de cada dia! Marcas que nos fazem coabitar os mesmos espaços, contudo o reconhecimento disso é simplesmente libertador. A poesia me dá essa possibilidade, ou seja, a liberdade

de cultivar uma satisfação interior que não esteja obrigatoriamente vinculada somente ao que é agradável aos olhos e aos sentidos. Enquanto isso, olho e falo do Fim do Mundo - mas sem ser apocalíptica —:

*Olho a mata
este cinturão verde da minha morada
e penso no fim do mundo.
Minh'alma que vive de abundâncias
aos céus clama as bem-aventuranças
um dia prometidas para todo ser vivente.*

*Enquanto isso
bocas famintas, porém vazias,
esperam maná de mãos generosas
no pouco possível do que ainda há.
Bandeiras trêmulas tremulam domínios
e vidas se perdem nas vias invisíveis do poder.*

*As bocas não param de esperar
os corpos não param de se perder
a mata esmaece no verde dever.*

*A esperança não foge:
Sou uma velha rezadeira
insistente e incansável*

*que não se deixa emudecer
nas barganhas com o céu
para o mundo não ter fim.*

As bocas das almas também querem outro tipo de alimento: a palavra, a educação, a possibilidade de um mundo onde caibam todos com suas diferenças, a mudança nos valores humanos. Somos dependentes uns dos outros e merecemos o melhor. Se não for para o bem comum, então nada terá valido a pena para ninguém, daí a minha reflexão sobre as bocas famintas causadas pelas vaidades de alguns que impedem a igualdade. Eis “O ocaso do espelho”:

*Um dia
nossos olhos ficaram cerrados
para o que de fato importava:
os bosques perderam raízes
e os carvalhos deitaram cansados de tanto esperar;
os lírios abandonaram as vestes
e nada mais coloriu os campos;
as ninfas se recolheram
e Narciso virou o nome da glória;
todos faliram num sistema insustentado*

*e os credos ensandecidos desuniram gentes;
as cachoeiras choraram lamas
e os rios descrystalizaram;
o passado, professor dos tempos todos,
frustrado sentiu que nada ensinou;*

*Durante o vendaval
tentaram armazenar o tempo em despensas de
almas vazias.
O tempo? – Ab... esse não se pode armazenar!
mas permanecerá o que não restringe o coração
pois que essa máquina que pulsa dentro da carne
movimenta engrenagens
que olhos cerrados não podem ver.*

*- E o futuro?
Não haverá futuros imediatos
para os Narcisos entediados...
Portanto nada lhes restará
senão morrer.*

Reflico e deixo mais pegadas ao observar a busca humana por uma perfeição física extrema que atormenta e robotiza sem deixar margem para pensar a si próprio e ao outro. Perfeição e imperfeição compartilham o mesmo caminho, mas o

que é possível é a contribuição da poesia paciente que há nas travessias independentemente da valentia da “Teia” que também traz sua marca da vida:

*A perfeição não mora
nas coisas do hoje.
O que é imperfeito
já está quase feito
nos ossos de cada um.*

*O ontem
muito pouco construído
alega propriedade numa cidade interna
que fala e duvida
do que se tem de real.*

*O ideal, no entanto,
pode estar no amanhã
- que ainda nem existe -
até ele acontecer.
Essa é a teia da vida.*

Então, as Marcas Escrividas não são somente marcas sem significados. São sentimentos que se transformaram em versos. Marcas que me trazem sempre de volta para minha casa interior na medida em

que vejo e sinto também as marcas alheias. Contudo há beleza e esperança apesar dos desafios nesta viagem fantástica chamada vida. Apesar da pandemia dentro da qual estamos, apesar dos sustos e medos, é preciso que se conserve em nós a Sherazade (Mil e Uma Noites) com suas histórias fazedoras de pessoas mais pacificadas com a existência. A Sherazade sobrevivente - e que nos faz sobreviver às tempestades - que sussurra nos nossos ouvidos: resistamos bravamente porque vale a pena! Mesmo com os narcisos entediados, há orquídeas - das quais eu gosto muito - que nos acenam exibindo, do seu lugar, beleza em suas páginas-pétalas de luz e amor nas marcas escrevidas. No poema “Orquídea” eis que:

*Feito entidade murmurante
vinda do centro do céu
me desperta de repente
plenificando minh'alma pedinte
de perfume, lume e cor...*

*Reverente
desabo sobre joelhos devotos
e lágrimas de gozo*

*encharcam os rios secos do meu rosto
que se fazem caminhos
como rugas honestas
expondo marcas de vida.
Quando as águas se afastam
minhas margens vestidas de silêncio
ficam livres nas abundâncias
deste universo ilimitado
neste Deus não inventado
que me cresce, me toma e me doma
tal uma dama satisfeita por ser amada
na cama foja do amor.
Então
como um livro que se abre ante a mim
as pétalas suaves desta orquídea
imprimem falas
e como fadas fiam a flor
na minha alma carente
monja no seu casulo
mas livre no seu castelo
vaso de carne feito um andor.*

Minhas reverências!
Domingos Martins,
28 de Setembro de 2021.
Neuzamaria

SÚPLICA POR UM INCÊNDIO

Em verdade
nunca fui um vulcão
em permanente erupção.

Em aparência
sempre soltei labaredas de vida
para viver as necessidades.

No imo
busquei o sentido para continuar
meu sentido interior.

O que há no centro dos ossos nossos
escapa aos olhos do mundo.

Mas meus passos pararam
quando descobri que do nada
só têm saído nadas.

Uma pequena fagulha
pode reacender uma chama
e eu preciso me queimar
nem tanto nem pouco
como sempre foi.

Dá-me um fósforo, ó meu Pai!

Um pequeno incêndio
já vale uma vida.

SEM SONATA

Ando com penas frouxas
ando com olhos aguados
ando sem canto...
Sem encanto por nada
sem velas acesas
sem fogo nas ventas...
Fendas crescentes
luas murchas...
Meus sóis eram tantos
meus céus eram meus
e meus agora só os prantos...

Não é caso de morte
não é falta de sorte.
É um negócio
que tira a faísca
que faz expandir alegrias.
Não é infelicidade...
é um negócio estranho
que até as saudades
ficam vazias...
É como um sono sem sonho
numa noite mais que fria.
É como se eu estivesse nua
é como um céu apagado
e uma sonata sem lua.

A FÚRIA

A pior fúria é a silenciosa.

A fúria disfarçada em um
atrai a fúria oculta em outro
Nos barulhos a fúria tapa ouvidos
nos silêncios a fúria age:
pressente oportunidades
embaralha sentimentos
finge felicidades
e permanece má passageira
no colo que embala a raiva

NEUZAMARIA KERNER

VIRULÊNCIA

Um dia
nossos olhos se abriram
e não estávamos sós

Prosseguimos desbravando

Noutro dia
como pedras atritadas
palavras começaram um incêndio

Prosseguimos debatendo

De repente
nos vimos apartados
olhos tapados sob o sol
desabraços legislados
obrigados num exílio
que dá dó

Estamos morrendo

SITIADOS

Transito na transição
mas não imune
aos vírus que enrugam minha cara

Nesse trânsito que penso infindo
outros também transitam
com suas carquilhas expostas

De costas os vírus
metáforas do horror
riem discórdias
matando o espírito crítico
ou seja lá que espírito for

Na dor
de onde vinda não sei
pobres cães ladram e atacam
as caravanas que passam

VALENTIAS

Tacape
Porrete
Borduna
Espada

Desses já tive alguns
quando ainda rasgava
feras com dentes
e matava a sede
com seus sangues inda quentes

Deus
por achar que eu faria estragos
trocou tudo por uma pena

O tacape troca as letras
com a peteca do capeta

O porrete me dá porre
só de ver

A borduna me dá a borda de uma duna
num deserto sem futuro e sem fim

A pena
perigosa como a espada

MARCAS ESCREVIVIDAS

valente como um espadim
dá ao tempo o pensamento
que salva a alma de tornar
ao tacape
ao porrete
à borduna
à espada
descaminhos do bom fim

PRESENÇA

Os que moram atrás dos olhos
são visíveis nas vertigens
do pensamento

O que chamam de real
comparece pontual
no tocável
no possível
no tangente

Olhos
disponíveis para ver
comparecem pontuais
na audiência
no discurso
no presente dos reais

ONDE

Onde eu estive
que não sei
mas mesmo assim
desinteira
estive lá?

Soube vagamente
por outros
que lá estiveram inteiros

Mas em outro canto
dividida
ouvi falas de um estranho eu
nos duplos dos lugares

Para entender
entrevi Delfos
e bati à sua porta
Como resposta
ouvi ecos que nunca decifrei

NEUZAMARIA KERNER

VIDA

Se descosturar
faço o cerzido

Se rasgar
remendo

Se perfeito
conservo.

Assim como o rio no leito
tento a margem serena...

ESCREVIVENDO

Escrever e viver
se misturam
quando os olhos se apuram
para ver o traçado da vida

Que o meu sentido veja
o percurso das veias
que levam sangue e sentimento
na vida em circulação

Que eu veja e seja
percurso e veia então

Neste percurso inscrito na alma
eu me inscrevo na vida
e sigo

Escrevo
pois que escrever é fazer autópsia
dos vivos sentimentos
que borbulham em cada passo
veia, sentido e laço
no traço dos meus caminhos

ROSANA

Enquanto caminha
tece alegrias
em tapetes de flores

Cores se espalham
e os cheiros das rosas
primas das tulipas
e tias das margaridas
dançam no etéreo dos caminhos
enquanto pincéis virgulam vida
e passeiam macios nas vidas

Folhas voam como anjos
que pousam como devotos
nas vigílias que verão
os sonhos do risos das flores

EM BUSCA DA IDENTIDADE

Não joguei fora o meu batom.
Não rasguei as minhas saias.
Não aceitei os rótulos ridículos
com os quais quiseram me enfraquecer.
Não rejeitei minha porção gueixa
e nem fiz queixa a ninguém
do quanto doeu redefinir
minha identidade
que por infidelidade
a mim mesma
quase perdi.

Retomei o meu nome
o meu batom
as minhas saias.

Hoje
tento remendar os cacos
do que as gerações anteriores
quebraram sobre mim.

CAMINHANTE

Caminho
no sem paisagem...

Onde estou é macio
mas escuro e úmido.

Caminho nesse estranho espaço.

Meus pés afundam e tropeçam
dentro da carne
sobre o tanto de veias
em total barafunda
sem varanda
onde possa me sentar.

O caminho é dentro mesmo!
É labirinto.
A casa de Prometeu.
A ladeira de Sísifo
(meu irmão de labuta).

As veias estão prensadas
e o sangue não circula
nem me deixa circular

MARCAS ESCRIVIDAS

(para fora).

Nesse caminho
a estrada é descomum...
digo que é sem paisagem
porque não vejo trilhas
nem janelas...
Suplico por elas
porque da minha alma nua
escorre suor que não sua...
nem gretas se abrem
para que vento sopra o ventre
para o frescor do ardor.

Penso:
até quando?

QUINTA ESSÊNCIA

Humanos mal acabados.
Inumanos mal começados.
Na caverna não há luz.

Acendo um fósforo
até queimar o dedo.
Ao final a pedra que era porta
semi torta deslizará.

Será visto
um produto sem final.
Será mau como o sem fim.

Um casulo abortado
do universo que há em todos
resumindo em meio a mim.

No centro
bem dentro da caverna
uma fogueira se forma
meu coração se incendeia
e nasce um momento novo.

RECONHECENDO O CAMINHO

É da natureza da caminhada
Ir descendo de estação em estação:
– tomar um cafezinho e continuar!

Em cada parada
a estreiteza da visão
vai se dissolvendo...
Em cada andada
se vai alargando o coração.

Pelos caminhos onde
grãosamaros moram
miram eles nos meus olhos
sem a batuta do maestro
sem o martelo do juiz.
Apenas velam a passagem
dos meus pés
que não pisam
o que no chão foi derramado.
As mãos multiplicam mãos
colhedoras de bentos orvalhos
filhos doces vindos dos céus.

NEUZAMARIA KERNER

Meus pés antes errados
meus vãos antes vazados
agora são conscientes
do cafezinho encontrado
solenemente sorvido
em cada passo descido
na parada de cada estação.

ESTRADAS

Melhor subir
mesmo que canse mais
do que descer
mesmo que menos canse

Em verdade,
subida ou descida
é escola que ensina
com ou sem ferida
o caminho de casa.

Tudo é estrada
como vária é a morada
daquele que mora
em mim.

NEUZAMARIA KERNER

REVOLUÇÃO

(WB)

Hoje não há mel na colmeia
O mel transmutou-se em mal
Sumiu o que era céu
E as operárias engoliram a rainha

A insurreição abalou um alvéolo
E os outros se dissolveram
Contaminando o imo dos favos

Tudo se dissolveu virando nada

Por isso a nota dada:

Sem mel
Sem mal
Sem colmeia
Sem nada

PONTUALIDADES

Eu me divido em minutos
o tempo em eternidades.
Eu sempre gerundiando
o tempo imperativista.
Eu vivendo de atrasos
o tempo de nunca mais.
Eu compasso de esperas
o tempo sempre passando.
Eu cheia de reticências...
o tempo de pontos finais.

MALABARISTAS

(crianças na rua)

Mancham o sossego dos meus olhos
os malabares voando pelo ar
pelas mãos dos meninos soltos
na vida que não sonharam levar.
Alma em desassossego
no meu rosto estampa e fica
vendo bebês malabaristas
na rua-palco desses artistas.
O coração se dispara em medo
também de tristeza e dor
vendo a injustiça sorrindo
dos que na rua jogou.
Em cada sinal que fecha
há uma porta que fechou.
Em cada sinal que abre
uma vida ali parou.

PEDIDO

Éramos meninos:
nos vimos
e o amor atento
atentou!
Eu virei poeta.
Você virou a reza minha de cada dia...
Hoje
galopamos no mesmo cavalo do tempo
mas as crinas esvoaçam
como asas que rufam
dizendo consolos.
Viramos atemporais
tal os matinais
em auroras domingueiras
quando nas leiras
do céu terreno
brota tudo que é mais pleno
marcante de eternidades.
Pai-Mãe dos sagrados
dá-me mais um tempo
para sentir o alento
do que é o amor
outra vez.

SOMENTE VÓ

(contrariando modernagens)

Não bebo cervejas.
Cultivos roseiras no jardim
e cidreira no quintal.

Não tenho garras vermelhas
mas canetas de muitas cores
e papéis voando pela casa inteira.

Não malho na academia.
Medito no meu cantinho
e aliso as cordas do violão...

Não faço lipo,
esportes nem simples nem radicais
mas sei de cor histórias de gatos
com ou sem botas
e outras que invento...

Não tenho roupas de grife
mas minhas saias abanam calores
e os xales me abraçam no frio...
Minha pausa é muito maior que a

MARCAS ESCRIVIDAS

menopausa
por isso fiquei atemporal
e sem ambições de belezas já idas...

Sou vó
que de passado em passado
virei bordadeira de vidas.
Caseira por natureza
cabrita montanhosa
à espera do beijo doce
de cada doce
que um neto é.

Sou vó
nem pra frente
nem presa do que foi moda um dia.
Vó.
Somente.
Sem classificação.

NEUZAMARIA KERNER

VIDA E MORTE

Na certeza
de encontrar o que se busca
voa-se

Na ânsia do encontro
sonha-se

Na confiança
das próprias possibilidades
vive-se

Na dúvida do querer
recua-se

Nos medos
que nos impedem
de voar, de buscar, de querer, de viver
a cada momento
morre-se.

AVE, VIDA!

Aqueles que viverão
te saúdam
porque
a palavra dormida no tempo
acorda o que a luz anela.

O sono
sereno da noite
acalma o que o dia revela:
vida, vida, vida!

NEUZAMARIA KERNER

QUARESMEIRAS

Vejo as quaresmeiras revivendo
seu ciclo.

Ano passado se apresentaram
roxamento balé da mata.

Foram-se!

Com elas amanheço
mais uma vez
num novo ciclo...

Devagar
saem do esconderijo
e florescem agora
sabendo que em breve
retornarão para o seio que as guardou.

Nesse movimento
ano a ano
de dentro pra fora
de fora pra dentro...
assim como a vida.

ANJO DO CAMINHO

Há no caminho do céu
um anjo da boca mole
que só diz amém.
Se digo sim, amém.
Se digo não, amém.

Eu
no caminho da terra
estou com ele
e sem ele também.
Se estou no cansaço,
o anjo amém.
Eu
no piso que passo
ele nas asas do além.

Convergentes desejos
inconvergentes também.
Eu na beira da vida
e ele me diz – não vem!
Eu no salto pro alto
ele – lerdeza na boca
me baba amém

ALMA ANDADEIRA

Tenho a alma inquieta
que não gosta de permanecer.
Quando permanece
por muito tempo
dá uma formigamento
e se contorce até doer.
Parece ficar à beira de um cais
arreatado por ondas insanas
que destroçaram o navio das esperas.
Tenho a alma inquieta
buscante de só coisas veras
que não existem em todo lugar.
Dou a ela calmantes
para o suporte preciso.
Ela rejeita porque aceitar
significa ficar em estado de paradeiro
tal pedra preguiçosa.
Essa alma quer ser como o universo
andadeiro
que nunca para de andar.

MENINO-HOMEM

Eu tenho um menino
que faz alegrias no peito meu:
cria dentro de mim
paraísos azuis
um amor imenso
que nunca terá fim.

Eu tenho um menino lindo
como o sol, como a lua,
os mais brilhantes astros celestes
e tudo de belo que Deus me deu.

Esse menino cresceu
ficou homem bem grande
um grande homem de bem
que alimenta minha alma
com o doce mais doce do céu.

Sua calma doma leões
sua alma viageira
trilha mundos e de pedras tira mel.
Esse menino-homem,
tal santo profeta
tem um nome: Daniel!

MENINA-MULHER

A menina
dos beirais de uma janela
despejava flores
– como quem verte alegrias –
no coração de quem passava por ela.
Estava eu sob a janela
e vi
aquele derramamento:
era a própria flor crescida
de olhos da luz do sol.
Tomei-a nos braços
e ela cresceu seus traços
me dizendo ao coração:
– Sou Carol.

COISAS DO FASTIO I

... Essa fadiga de tudo
Esse fastio de gente
Essa alma que voluteia
Em busca de um espaço alternativo
Essa ausência de imagens
Essa voragem de nada
Essa incompetência de viver...

ILUSÃO

Todos tememos
Depois desta labuta
Chamada vida
O momento de
Deitarmo-nos e
Dormirmos para sempre.
Mas enquanto
O sono compulsório não chega
Vamos vivendo
E nos iludindo...

ESTOU CHEGANDO, ÉVORA!

Rodo por tuas estradas
e vejo você com outros olhos
agora verdes como as árvores
nas alas que me abrem passagem.
Reconhecemos uma a outra
pelos fluidos que emanamos
e por eles entrelaçamos
nossas almas saudosas.
Sabemos quem somos
de uma estranha maneira
que beira a loucura
no dizer dos homens sãos.
Penetro tuas profundidades
e abro meu peito para que leias
minhas lembranças
que somente tu alcanças
saltando pelas cachoeiras
dos meus olhos chorantes.
Vim como outra.
Vejo-te outra.

NEUZAMARIA KERNER

Peço-te acolher-me
como no passado
tão bem aconteceu.
Dá-me licença
que estou entrando
com aquele coração
na palma da minha mão
que sempre será teu.

31/05/15

FESTEJO

Festejei o renascimento
quando numa via estreita
fui alargada pela música.
Violinos soltavam melodias
nos acordes acordados
como se fossem alegrias
para meus ouvidos.
O universo girava céus
eu dançava milagres
dentro da Évora dos meus dias.
Assim, girando, fiquei infinita
e minha alma conheceu
os segredos confiscados
sobre um novo nascer.
Estou aqui outra vez
e ninguém pode entender
o meu grito de amor:
– Évora, Évora, é você!

SAUDADE DE MIM EM ÉVORA

Que saudade de mim
quando me olho nos tempos!
Retratos contam histórias
marcam fases
em linhas divisórias
entre o ontem e o agora.

Retratos
não são só retratos...
mas tratos de vida
com traços de ilusão
que é tudo isso aqui.

Um dia
retratos serão papéis
amarelados
mudos, acanhados
que não falam com desconhecidos
sem ouvidos de ouvir
baús silenciosos.

TUA VOZ, ÉVORA

Ouço tua voz sereia
embora distante do mar...

um canto tão sedutor
tipo um fado chorador
e eu marinheira buscando faróis
que vigiam teu canto.

Me guio
Me cantas
Me acendo
Me danças...

Eu me rodo inteira nos teus giros
enquanto mandalas se formam
pelos meus pés
na tua terra tão antiga...
O samsara obrigatório
reina em nossos reinos internos
enquanto tua voz como vento
atravessa espaços e eras

NEUZAMARIA KERNER

levantando o pó das estrelas.
Canta que eu te danço.
Canta e me devora.
Canta e nos entrelaçamos
nestes giros que são vidas.
Tua voz é meu vinho
que embriaga, me enevoa
mas degusto
como justo se liberta
no prazer de se bastar no amor.

ALMA PORTUGUESA

Há que se ter olhos de alma
para ver Portucale.
Ficar em marcha zero
para sentir.
Apenas sentir
uma certa melancolia
nas pontas dos dedos
contraste de imensa alegria
para abarcar seus enredos.
Histórias de seu passado
conquistador
de suas lutas para se impor
diante do mundo
– como o liberto Prometeu –
e proteger tesouros que eram
do povo seu.
Palácios e castelos
– partes dos meus anelos –
não foram de areia.
Hoje são de lembranças
que sobrevivem fortalezas
fincadas sobre rochas
formando um só o passado:

NEUZAMARIA KERNER

eu e minhas reticências
ele e seus memoriais...
nós juntos sem pontos finais.

Brasões viraram brasas
mas que ardem na eternidade
na minha alma que é gêmea da tua.

PAVÕES DE ÉVORA

Meus pavões evorenses
dançavam vestidos de nuvem branca
enquanto as flores palacianas
aplaudiam essa dança tão santa.
Assim vi esse bailado
em torno de mim
como anjos roçando
as penas que controlavam
emoções que não tinham fim.
A nossa separação iminente
deixava minh'alma doída
pois que minha saída
era aproximada pelo portal
que se abria através de uma asa
transparente.
Era um anjo que me dizia
que minha hora ali acabara
meu tempo evorense findara
mas voltaria num novo alvorecer.
Voltei!
Évora, estou aqui outra vez
por pouco tempo...é certo.

NEUZAMARIA KERNER

Ainda tenho a alma incompleta
e a boca repleta de poesia
para dizer nesta vida.
No momento
conto com os ocelos
– câmeras que pus –
nas plumas de cada pavão.
Esses ocelos serão
meus olhos que ficarão
captando a poesia daqui
em cada dia de luz.

MOMENTO AZUL

(em Évora)

A lua reparou bem
o momento do nosso encontro:
Não se apresentou por inteira
porque de si guardou um pedaço
para alimentar as memórias
no banquete do nosso abraço.
A igreja testemunha
dobrou seus sinos celestes
e as nossas novas vestes
se dissolveram no puro azul.

ALFAMA

Meu coração vai lá todos os dias
para minha mente não esquecer
de beber das nascentes
que derramam água santa
dos olhos que choram fados.

Nos beirais das Portas do Sol
testemunhas viam os banhos
nas fontes da formosa Alfama
e as moçoilas na cama
como nos tempos d'antanhos.

A Feira de lá e eu
criamos cumplicidades
segredos nossos nos caminhos
vendendo quinquilharias
a troco do olho por olho.

Por isso ladras:
ela receptando esperanças
e revivendo vidas;
eu roubando palavras
para escrever poemas
sobre saudades sentidas.

SINOS

Os sinos blembam
para ti, Évora.

Quando acordares
dentro dos amanheceres
das tuas memórias
que tu ouças no som
a minha voz
de tão longe
a cantar-te fados
a contar-te fatos
para o riso dos teus dias.
Olha para o celeste
e veste tua mais nova veste
e sai para o mundo ver-te
pois que por merecimento
e bondade divina
conquistastes o direito
de seres minha menina
dos olhos
que brilham por ti.
Não olvides os sinos
que blembam
blembam

NEUZAMARIA KERNER

bleblam
só para ti
nos campanários
das auroras nossas

TEMPLO DE DIANA

Você
cansada de caçar nos Olimpos alheios
veio até Évora, mãe dos meus devaneios,
e tal Cupido travesso
flechou meu coração desatento.

Eu, caçada, não chorei.
Ao contrário:
me abracei em tuas colunas
e enchi minhas lacunas
com risos de felicidade.

Louca, ri loucamente!

Os passantes não entendiam
a cena invulgar que viam
e me desdenhavam
com olhos de nada a ver.

Incapaz de a flecha remover
por vontade e por querer
deixei-a presa no meu peito
e no leito das minhas veias
corre o vermelho do amor.

AMIGO, POR TUDO ISSO...

Aprendi a viajar apenas com uma mochila.
Aprendi a me levar mais leve.
Aprendi que tralhas muitas atrapalham
tiram a leveza
escondem a beleza
empobrecem a riqueza das
paisagens...

Aprendi que olhos alheios observam de
longe.
Aprendi que mãos indecentes afanam
bagagens.
Aprendi que leve me fico presente
nos mares
nos montes
nos sonhos
nos prados
nas flores
nas fontes...

MARCAS ESCREVIDAS

Aprendi que pertences nem sempre
pertencem.

Aprendi que pesos desprenchem a alma do
prazer.

Aprendi que fazer e desfazer malas
atrasam

as idas

as voltas

as vidas...

Aprendi que aprendi
e mais nada.

NEUZAMARIA KERNER

INDECISÃO

Quando toca o apito
do navio
afastando-se do cais,
bate uma tristeza grande:
não sei de quê
não sei de onde
não sei o porquê.

Não quero ir
também não quero ficar.

Mas fico perdida
num vazio confuso
entre a tal saudade
e o profundo do mar.

O TREM

(Aidil)

Varando as distâncias
entre o Santo Espírito
e o Horizonte Belo
lá vem o trem
apitando alegrias!

Dentro dele
as gentes cheias de vida
acenam pelas janelas
de um Doce Rio
que serpenteia
pelo vale que liga lugares.

Chega-trem- chega-trem
e traz os presentes
para os da estação
que esperam seus amores.

Chega, trem!
sobre trilhos
com seus filhos
trazendo a luz
do horizonte Divino.

Chega logo, trem!

SANTUÁRIO DA PERFEIÇÃO

Quando eu reencarnar
– se... –
quero viver ao lado
dos que conjugam
verbos mais que perfeitos
e agem como tais.

Minha cor será de safra temporã
Contrariando os perfeitos
que vivem as quatro estações
perfeitamente
mas sem sorrir:
– isso fere a alegria se a cor outonal
ousar parecer verão.

Eu
diante de tanta alheia perfeição
ficarei com tanta inveja
dos mais que perfeitos
que morrerei diante deles
sem cor que chame atenção
quando vem fora do tempo
– dos perfeitos –

MARCAS ESCRIVIDAS

Minha matéria
feita de pólen de nuvem
será soprada
no sacrário dos imperfeitos...

O que for éter em mim
se fará partícula
do único real Perfeito
que vive dentro do meu peito
salvo de dores
para sempre.

ESPAÇO NA ESTRADA

Vivo buscando espaços novos
como fontes de recomeços
como se cada novo lugar
fosse promessa de melhores dias
que apagam
velhas dores havidas...

Talvez novos espaços sejam como
estações
de vidas vividas
que se foram em busca
de apagamentos
para depois renascidas
voltarem mais fortes.

Cada mudança
é perspectiva de liberdade
como raiz que arde
para brotar da terra.
Como lagartas livres de ovos
e borboletas libertas de casulos
- algemas de suas asas -.

Mudar é tempo que anuncia:
o novo de novo

MARCAS ESCRIVIDAS

a lua renascente
o sol cheio de vida
num peito nômade
buscando paradeiro.

Em cada nova morada
- há um enorme coração.
que me pulsa
como o universo inteiro.

As paredes
são retratos que me olham
interrogativos;
ouço cochichos indecifráveis;
sinto velhas energias
impregnadas...

Mas tal Midas
a mágica das minhas alquimias
sente soluções
– novos pontos de partida!...

Mudar é permanência
e eterna caminhada. (ponto)
Mudança é mudança
e mudança é a própria estrada.

NEUZAMARIA KERNER

VIDA DE PASSARINHO

Cantam
e voam
os passarinhos
pra-lá-e-pra-cá...

A Mãe-Pai
provém
sementes e frutas
para saciar-lhes
o coração que pulsa
grato.

Flores dançantes
os convidam
para o baile de mel...
Vão e bailam
misturam-se unamente
e asas trocam amor
de plumas com o céu.

MARCAS ESCRIVIDAS

A vida é baile
o tempo é canção
o vento é sorte
vivo transporte
do som que se propaga
reverenciando paraísos.

Amanhecem
num coral
enquanto o Regente
sem esforço
sopra vida
e ri docemente.

MAR E TEMPO

Amanheço
nas profundezas do meu mar...
Lá meus pensamentos
flutuam com anêmonas
que dançam brancas.
Lá meu tempo tem a largueza
de vidas infinitas.
Desde que o tempo é tempo
se repete como o sem fim
do universo gestador.
O mar nem revoltoso nem manso
me balança
me brinca
me revira
me acerta
me aperta
no seu gesto abraçador.

MARCAS ESCRIVIDAS

O tempo não passa
não imprensa
não aflige
não tem nome
nem nomina coisa qualquer...
O tempo... um oito deitado
um coito alongado
prazer de só ser
sem frente nem fundo
nem lado nenhum
nem fado profeta
nem fardo no lombo...
Desde sempre
ida e vinda de maré
que não conta movimentos
e tal meu mar
apenas É .

BACO E O ARTESÃO

(Bertacco)

O barril de Baco pariu
o anjo de pencas
rosadas na cabeça.

Baco gostou do que viu.

Uvas?

O barril o barro o menino
a brincadeira a frustração...

Ébrio de tanta beleza
ele jorrou nas mãos
do artesão
o sumo da argila.

Soprou as entranhas do barro
e cântaros verteram água de vida.

Baco e obreiro
agora vivem a orgia
na alma do menino rosado
que ri docemente
na vinha do Amor.

OLHA

Olho para este céu
ficando noturno.

Olho, mas olho devagar
para sentir mais uma lua cheia.

Tudo silêncio.

Até o vento para
e a noite fica mais fria,
mas nem por isso
deixa de ser bela.

Olho!
Vejo o que acontece agora:
Deus destrancou seu segredo
e mostrou a lua bem plena
brilhando sobre esta floresta
que nem se movimenta
cheia de espanto e amor.
Olho! Tudo parou para ver
o amor se repartindo
em forma de brilho.

Sinto. Agarro para não deixar partir.

Neste momento a lua que brilha é pão
é o alimento para o coração da mata.
é o banquete para os olhos de quem sabe
ver.

É o sagrado manifesto:
brilho
lua
pão
amor em cada gesto
do universo.

Olha também...
Olha para ver...

NEBLINA

Ela vem descendo
como quem nada quer
parecendo uma alma que deixa
sobrar branco por todos os lados.

Parece incerto este céu
como essa neblina certa é
para abarcar os espaços desta montanha
diante dos meus olhos sencientes.

Parece um mundo à parte
escondido sobre esta arte
feita pelo Invisível e Inominado...
Este abraço nublado
finalmente se estabelece
e branqueia o que verde era
e esconde o que me espera
quando o sol sonolento reabrir
os olhos quentes de luz.

Minha pena ansiosa
derrama letras-candeia
para ver se há mistério
na neblina que passeia
ou na luz que me tutela...
se tudo está no meu cerne
se ela está dentro de tudo
ou o Tudo está dentro dela.

NEUZAMARIA KERNER

RAJADAS DE LUZ

Há neblina
mas há luz!

Ela fura o céu cinzento
e em cada momento
flashes descem
na cabeça da montanha.

Há neblina
mas há luz!

Ela é forte
e é um mote
é um lote
é um pote de ouro
derramando no lugar
a que faz jus.

Há neblina
mas há rajadas de luz
que sempre determinadas
vêm de cada arraiada
para sagrar a vida.

LUZ

Nem tudo que reluz é luz.

Brilha em aparência
sem nexo nem ciência
de onde vem a nascente
da luz que é luz de verdade.

Buscam-na fora
embora esteja dentro
no âmago do coração
morada de toda alma.

Para senti-la
me desapego de mim
e deixo que a vida do alto
pouse nos meus alpendres
e me sobre palavras
para o alimento de cada dia.
A luz se revela
numa forma diferente
no meu ser revivente
que num hiato de tempo
me viaja inteira
brincando de ser luz.

Se dissolve após brincadeira
e ri da minha ilusão
de que toda luz é luz.

A VOZ DA MONTANHA

Os sons que ouço de lá
são como vozes dentro de um sonho
na alma do sonhador.

Como uma ressurreição da verdade
as montanhas deixam sair ecos
de uma invisível boca
que poucos ouvem o primeiro som.

Nessas pedras de nascença
há espaços preenchidos
com memórias resgatadas
de um tempo que não se sabe contar.

A aura da montanha
é pele empedrada de um corpo
é alma com força latente
que não se deixa rasgar.

Ouçó a voz desta montanha
quando ventos passam eventos
entre seus gordos picos
em cada tempo cantado
no som que sai compassado
e sua voz traz seu registro.

REVIVÊNCIA

Há quem não tenha
crenças de revivência
mas tudo é aparência
do que se diz da vida.

O sol requeima todos os dias
quando há sol.
A chuva abre a boca
e não para de babar
enquanto há
água para cair
e encharcar os secumes
dos nossos desertos.

Tudo tem sua revivência
e a nós cabe só reverência
ao giro da roda incessante
que parece escondida.
Este giro é santo elixir
para outro tempo necessário
que, com certeza,
há de vir.

SOBRE LEIS

Ainda não cansei
e não paro de sonhar
de viver sob uma lei
diferente da que está

Quero ter asas imensas
para me passarinhar
e viver sob uma lei
diferente da que está

Quanto mais vejo o diverso
mais diverso quero olhar
e viver sob uma lei
diferente da que está

Na aparente quietude
movimento terra e ar
pra viver sob uma lei
diferente da que está

Minha lei nasce direta
de uma luz que é solar
me faz viver numa lei
diferente da que está.

A COR DE DEUS

(Julia)

I

Dizem que Ele
é invisível, mas onipresente.

Dizem que Ele
não professa, mas onisciente.

Dizem que Ele
não tem cor, mas onipotente.

Alegam muitas coisas
algumas delas vazias.

Se Lhe negam as causas
também Lhe negam os efeitos.

Mas a causa está oculta
debaixo de toda aquarela.

O efeito está na luz
da Sua cor amarela.

II

Se eu fosse uma pintora
noite e dia pintaria
o que sinto quando vejo.
Pintaria a cor do sol
a cor do vento também.
Criaria nova cor
numa mistura sagrada
do aqui e do além.
Pintaria a cor do mar
do céu limpo ou estrelado
cor de lua misturado
num meu arco-íris brilhante
num novo e rico bordado.
O chão coberto de flores
sendo todo colorido
pela menina alegria.
E em cada chão pisado
cada chão que faz folia
quando todo enfiorecido
por Julia que faz amarelo
que pela graça de Deus
é pintura toda minha.

DESNUDAR-SE

(Euzner)

Retira tuas vestes,
mas bem devagarinho
só para alguns.
Cobre com teu manto
o que olhos cúpidos
maliciam de ti.
Das transparências inúteis
salva-te
como as pérolas em conchas
lacradas.
Que a nudez só se pronuncie
para quem tem olhos de ver
para quem tem boca de ler
tua alma poemada.

NEUZAMARIA KERNER

GOL NAS NUVENS

Olho nuvens
que vistas do alto são um mar.
Esse mar é fofo.

Sinto que me afundo
até os joelhos.
Não vou além disso
por medo de ser tragada
no nãoespaço impegável.
Me vejo chutando brancos
como flocos de alegrias
abaixo dos meus pés.

Faço um gol
de vertigens...
Meu corpo retorna à poltrona
e acima das nuvens
um pedaço de asa
se pronuncia
varando céus

MARCAS ESCRIVIDAS

voando nuvens
sendo véus
que dançam e balançam
sobre um mar que não é mar
mas um campo bem branco
onde, por cima,
sigo sem traves.
É a mágica se fazendo:
a ave me voa
como seta
que chega ao alvo
me pondo em terra
de novo
a salvo!

Voo Gol - 17/10/17

ALEGRIA

Amanheceu!

O cantar dos pássaros
se pronuncia avisando
que já é dia novo.

O sol
mesmo tímido
rasga um pedaço do céu
esquenta uma gota de nuvem
e constrói um arco-íris
onde meus pés escorregam cores.

Lá vou eu nesse tobogã celeste
em busca das surpresas
que animam o próximo dia.

ALPISTE NO BANQUETE

(Nha Rita)

Tal os passarinhos
vivo de asas
que suportam meus pequenos voos.

Vivo do riso da mata
dos orvalho miúdos
de um cantar diferente
de alpistes coloridos.

Me aconcheço nos galhos
minhas asas agasalham
o sonho dos olhos meus.
Sonho com mel de lótus
formado na flor de lis
no banquete tão celeste
servido no prato de Deus.

Eis aí o santo alpiste
que tu viste em minha fala
escrevendo palavras
passarinhando sementes
que não brotam em qualquer vala.

VIAGEM

Flocos de nuvens sustentam
meus pés carentes
de novos caminhos.

Sigo...
toco no azul que recobre
meu peito-corpo-alma.

Ao longe uma lamparina
alumia macia e alva estrada...
Temo afundar nos flocos etéreos,
mas uma voz por trás do mundo
me incentiva a ir no profundo
fogo da lamparina
encorajadora.

MARCAS ESCRIVIDAS

Uma porta entreaberta
me puxa e vejo
doze homens concentrados
num amarelo brilhante
Círculo abrinete e fechante,
expansor e retrator
como o pulsar do universo.
Uma voz em frente ao mundo
chama de volta o meu nome...
Retomo meu passo em ré
e reentro em lacrimejos
no que esta vida é.

FONTES DE ANCHIETA E DE
KAHENA

I

O Sol veio beber água
na Fonte que tanto seduz.
Água de pura cura
jorrada do amor mais vivo
d'Aquele descido da cruz.
Cada raio era um canal
da mais forte energia
trocada entre Ele e a Fonte
em cada gole que sorvia.

As águas correntes nas pedras
cantavam de tanta alegria
pela visita do Sol
– santo filho de Maria!
Bebi também nesta Fonte
cantando com gratidão
pela sagrada bebida:
esta oferenda de luz
na água que o Sol bebeu
e me foi oferecida.

II

Elementais pululam na mata
e se banham na fonte de Kahena.
São afins à natureza das coisas:
emanam fluidos
e mantêm limpos castelos
– almas de cada um.
Espírito das águas
éter úmido de orvalho
e conta gota condutor
que entra nos olhos fartos
daquele que é olhador.
Olhos crias desta crença
se abrem mais em limpeza
se mergulham no profundo
e nem nunca se perguntam:
de qual crença é essa fonte?
de que reino é esse mundo?

LUIZA

Luz da luz
quando se abre em riso.
Lua em prata
ouro em sol
a ambrosia de Deus
quando escorre do céu
e lambuza o puro mel
no coração da vida.

Esse é o quadro do arrebol
quando o pincel dos anjos
verte cor em toda brisa
e brinca de alegrias
com o encanto que é Luiza.

CURADORA NO ESPAÇO

Quando me perco nas brumas da mente
me reoriento no ofício de ser mulher.

Abro estradas com as mãos
e procuro os viajeros
para saber o que cada um quer.

Entro no vasto silêncio.

Mimetizo espaço e pouso
e ousa ser ajudante
de cada ser caminhante
que precise e passe
nesta porta frente a mim.

NEUZAMARIA KERNER

QUE VENHAS

Quando vieres,
venhas porque gosto.

Meus olhos aguardam
o contentamento vindo dos teus.

Minha boca aguada
sempre
mais se enche
no aguardo da tua.

Gosto que venhas!

O FIM

Querer plena a liberdade
de até poder voar.
Mas o homem em seu hospício
libertar-se é o difícil
explode no peito o míssil
e morre na via dupla da vida.

NEUZAMARIA KERNER

COISAS DO FASTIO II

Quando o grito espalhar-se
pelo mundo
quando a terra a todos engolir
e tudo curvar-se
ao silêncio primeiro
veremos que os pactos
foram inúteis
e que guerreiros fúteis
lutaram na lama, em vão.

NÓS E OS ROBÔS

Um dia
ficaremos no ócio praiano
sob o cio do sol
torrando-nos feito imbecis
enquanto os robôs
trabalham nas fábricas

Ponto final

COMPARAÇÃO

O rio

O riso

O raio

O primeiro corre sereno
mesmo quando se quebra
e despenca em cachoeiras.
É belo. É forte.

O segundo às vezes é máscara
logo some quando vem a dor
ou se traveste de zombaria.
É fácil. É frágil.

O terceiro iguala-se à paixão
porque num segundo
clareia, queima e some.
É devastador. É efêmero.

ANIVERSÁRIO

Um brinde
a todas as minhas virtudes.

Um gole
aos meus mais graves defeitos

O brinde
é a saudação a mim
à lua nova e seu viço.

O gole
é a certeza do que virará:
urina, suor e sumiço.

NEUZAMARIA KERNER

DOS OLHOS

No fundo dos olhos
há berços de estrelas
há vidas que habitam
há lutas parelhas
há planos infindos..

No fundo dos olhos
há entes eternos
há lume que espalma
há versos ocultos
há corpo sem corpo
no corpo da alma.

PACTO

Tentei um pacto com meu anjo guardião:

seguro meus olhos para que não
nadem nos olhos alheios
seguro minha boca para que não
escape o inadvertido
seguro meus abraços quando se
abrirem para o abraço incontido
seguro meu nariz quando quiser
sorver o respiro do outro
seguro a alma quando quiser se
derramar no mundo

Não sei o que aconteceu ao anjo. De
repente foi se

apequenando
distanciando
desvanecendo...

Deu apenas para ouvir sua voz bem
fraca... lá do longe

— Eu queria guardar você inteira...

NEUZAMARIA KERNER

ENTRE O FAROL E O MAR

O farol é um olhar
que vigia ondas
que aguarda o seu posto
o que o mar traz de suas distâncias.

– O que me trazes hoje, ó mar?
– pedaços de pele negra
misturados com os sargaços do tempo!

SEM COR

Não foram sonhos de liberdade
que fizeram meus pares ancestrais
atravessar mares.

Não foram travessias felizes
quando bebíamos o sal das águas
em cuias estranhas.

Nada possuíamos
a não ser a alma amedrontada
sobre o destino de não ser.

Nem esperança restava
no olho esbugalhado
na boca amordaçada
no braço acorrentado
nos pés paralisados
na cultura esfrangalhada
Enfim
a não terra, o não gozo, o não dengo, o
não viver!

Enfim
cá estamos

raça transplantada
memória batucada
poesia anunciada
que sai de uma alma sem cor.

NOS LENÇÓIS

Os Lençóis Maranhenses
me lavam nas águas
de oásis africanos
e fico azul
tal minhas lagoas.

Cobrem meu corpo corado
as alvifinas areias
das dunas
dos meus desertos...

E no tambor de crioula
o suor que me salga
é o batismo da volta
ao chão-raiz que me segura!

NADA

Nada persiste?
Assusta-me essa compreensão súbita:
nada persiste
mesmo quando sinto a primavera
de um certo lugar
desabrochando em mim;
mesmo quando penso numa eternidade
para cada flor;
mesmo ao ver a montanha
desaguando líquida
em exuberância.

Mesmo com meu consentimento
nada persiste...

Reaprendi o que havia desaprendido
ainda há pouco
mesmo que esse tempo passado seja de
apenas mil anos;

NEUZAMARIA KERNER

reaprendi que aprender e reaprender
têm a mesma face
mesmo que em estados diferentes.

Neste momento em que verde e sombra
invadem meus vales
ouço na polifonia dos sons desta mata
vingar a esperança de uma permanência
que só há na eternidade
do infinito..
uma certeza de que só se alcança
o que é eterno
quando se transcende o que é efêmero.

JURAMENTOS

–“Namastê”

O Deus dentro de mim
saúda o Deus que habita teu templo.

O meu corpo saúda o teu
e se prepara para recebê-lo.

As promessas que ele te oferece
são de amor e prazeres infindos.

Não usarei o teu corpo, no entanto,
apenas para satisfação do meu,
mas também para dividir a experiência
da entrega e da troca.

As minhas mãos ao tocarem teu corpo
produzirão as mil luzes que
só explodem na primavera
para formar a aura das flores.

Massagearei tua boca com a minha
e só tu conhecerás o exato
sabor da maçã do paraíso
e com um leve sorriso verás como é puro
o pecar.

Minha boca produzirá os beijos mais
doces
que serão salpicados na tua superfície
com gosto leve de sal.

Minhas narinas percorrerão teus recantos
e nenhum canto deixará de ser farejado,
vasculhado.

Como ave de pluma sedosa,
apenas roçando as asas,
para gáudio dos teus anseios
voarei, de ponta a ponta, sobre ti
e oferecerei meus seios,
alimento vital da tua alegria.

A cada investida suave tua
da minha boca ouvirás, bem baixinho,
o teu nome.

Me atenderás ao chamado
e quase como um gemido dirás
que me queres sempre
e mais...

Depois, qual leoa faminta
abrirei minhas fendas receptivas
e tuas expectativas de prover meu corpo
serão satisfeitas.

Estaremos como seres encantados e
nesse momento
tu és meu deus nesse ritual dançante e
confuso;
e eu, eterna escrava tua, mais uma vez,
te saúdo.

Agora
com nossos dedos entrelaçados
e nossos delírios aquietados
estamos plenos de nós
porque transcendemos os nossos corpos
e por uns momentos realizamos o sonho
de ser apenas um.
–“Namastê”
Eu te saúdo inteiramente
e no teu corpo prometo tocar levemente,
mas com a intensidade
do que é mais intenso no mundo.
Preencherei todos os teus vazios com
minha seiva
e deixarei saciado cada minúsculo poro
teu.
Minha barba, por fazer,
buscará no teu pescoço um gemido
que eu sei não ser de dor.
A minha carne estará macia e lisa
para amortecer teus movimentos
e a cada momento, como num ritual,
meus olhos se abrirão para buscar os teus
e, através deles, sugar a alma do teu prazer.
E quando o meu corpo perceber
cansaço manifesto do teu

desafiarei a lei da gravidade
e levitarei para poder continuar sobre ti.
Então, qual gaivota em busca de alimento
no mar,
mergulharei inteiro e quente
enquanto teu corpo firme e valente
dança a dança do amor
e se transmuda em pedaços de luar.
Tu és minha deusa
nessa cerimônia de amor
e eu, teu eterno escravo, mais uma vez,
te saúdo.
Somos, agora, diferentes do que fomos
há momentos
e a quietude se instala nessa ilusão.
Estamos plenos de nós
porque transcendemos os nossos corpos
e por uns momentos realizamos o sonho
de ser apenas um.

NA BEIRA DA LUZ

... E de repente, final do dia

não era sarça
não era fogo
nem faísca alguma havia
mas era um bosque
todo contente
que na luz findante ardia.

AOS POUÇOS

Pouco a pouco
vem surgindo na garganta
incômodos pigarros indecifráveis...

Pouco a pouco
distanciam-se ecos de mim
e já nem me ouço...

Pouco a pouco
sinto indo a fé restante
do meu ego que soprei...

Pouco a pouco
não me basto
não me valho
não me sonho
não me vivo
nem me sinto, nem me busco, nem me sei!

CARNAVAL

Quando falta de pão sentires
de graça a vós circo darei
porque se da vida quereis o gozo,
folia, pois, para vós farei.

Não vos preocupeis no momento
se quero matar o pensar vosso,
pensai somente no circo
porque circo vos dar sempre posso.

A mim não culpeis, entretanto,
se refletir no viver não sabeis,
mas temo se aprenderes, confesso,
e a cabeça, por fim, levanteis.

Cachaça e folia, portanto,
enquanto pensar não podeis...
por vós penso eu e decido
que só pão e circo tereis.

CORAGEM

Todos têm fardos a carregar
por isso a vida
parece tão horrível.
Todos sobem ladeiras
buscando horizontes
por isso todos
são tão sonhadores.
Todos buscam o ponto infinito
de um lugar
por isso todos são tão incansáveis.
Todos, impávidos,
desafiam o mundo
– apesar dos riscos –
por isso a vida
é tão atraente.

BULIMIA

Não faço versos
“como quem chora”.
Faço versos
como o amador compulsivo
como o bulímico-vomitador
como quem, estafado,
acaba de viver.

NEUZAMARIA KERNER

NA MADRUGADA

Quando o cansaço impede
a mágica que faz
a vida caminhar
tudo para
finge quietude...
Mas os gênios e duendes brincam de
sonhar
e os seres encantados
dentro do silêncio da madrugada
não dormem
apenas repousam
assim como as flores.

A QUEIMADA DO MUSEU

Estou ardida pelas chamas
da vida-nossa-de-curto-dia,
mas há muitos amanhã
para recomençar.
Por isso rio!

Ventos inocentes
espalham cinzas mudas
sobre chãos vividos
e sidos glórias um dia.
Por isso sinto!

Hoje um breu apaga cores
e dores abrasam pedras
que inda ardem labaredas
difíceis de serem esquecidas.
Hei de doer por isso!

Mas nem assim
meu peito infante
impede que me levante
da cinza que me cobriu.
Por isso, outra vez,
olho, água e Rio!

2/9/18

O ORÁCULO E EU

Minha alma inquieta.
Meu coração insatisfeito.
Minha boca que grita:
– Socorro!
Dentro da mata bem longe
há um oráculo escondido
entre folhas verdes
que pergunta:
– o que mais queres?
Assombrada,
porque oráculos não perguntam,
respondo:
– um lugar que me caiba com minhas
circunstâncias.

– Oh, que cega és!...
foge de mim
que de ti escondo chagas
a derramar meu sangue verde.
Não quero ver o teu
que te escorre do peito
ensopando corpo e leito
das tuas vontades insatisfeitas

ENIGMA

Somos o que somos
mas não sabemos
como e por que somos.

Tememos saber o que somos
porque não sabemos
o que dentro temos.

Tecemos

No espaço onde vivemos.

Celeste este pedaço!

Em verdade, de verdade,
dá medo saber o que há
no vazio do espaço
entre as estrelas.

Neste espaço nos achamos

seminus

semissós

semiluz

semiestrelas

(e ansiosos para sê-las).

SALVA-DORES

A vida,
estrada nem sempre é plana
nem sempre é lisa.
Amortecedores fortes
e sempre revisados
aliviam os trancos e barrancos.

Amor tece dores
por incrível que pareça
na vigília cansadeira.

Se não fossem os sonhos salva-dores,
os trancos desceriam pelos barrancos
levando o sonhador incauto
terra abaixo.

A FACE DO VENTO

Para todos os lados olhas
ora sereno
ora inquieto.
Oro para que tua face
seja branda
quando te virares
para a minha própria face.
Que não sejas nunca o açoite
nem de noite nem de dia
que avaria a rota do meu peito sonhador.
Que sejas a tua face como macias asas
passarinhas
que estampam esperanças
na minha face
para que eu siga suave
tuas suaves correntes.
Não me cubras com tua face mais forte
porque eu tenho vocação para felicidades.

VISÕES DA INFÂNCIA

O galo cantou três vezes:
Negamos o Bem.

A traição mostrou seu riso nos dentes:
Vingamos o Bem no sábado
fizemos um homem-bomba
num Judas atormentado.

O domingo chegou alegrado:
A visão ganhou a pujança
a vida sorriu crescida
dentro do Eu criança.

A NAÇÃO

Não morrerei por nação alguma
das mais conhecidas.

Apenas por mim viverei
porque as mortes vivem
em nações desde o momento
em que nascem.

A grande nação que conheço
e desta não esqueço
é o coração do Universo
também chamado de Deus.

NEUZAMARIA KERNER

UNIDADE EU-NÓS

Eu
Macaca
Eu
Pedra
Eu
Montanha
Eu
Floresta
Eu
Estrela
Eu
Flor
Eu
Universo
Eu
Tudo
Eu
Todos
Nós
Um.

O QUE ESPERAM DO POETA

(Laura Gomes)

A partir
deste momento
está determinado
o banimento
da palavra pecado.
Proscrita também
será a palavra
culpa
por ser ela causadora
de infindável angústia.
O poeta
livre da abstinência
do que chamam pecado
dirá que sonhar
não é sua invenção.
e então terá a certeza
de que o que dele esperam
é apenas a sinceridade
até na mentira.

ORAÇÃO

*Sinal da cruz na minha testa
Palavras santas na minha boca
Obras sagradas no meu coração.
Entrego-me a Deus e à mãe de Deus.
Deus será por mim
E nada será contra mim.*

Na crise da fé
Brigo.
Atrás da lógica
Ando.
Na mística das coisas
Reflito.
Por via das dúvidas
Eezo.

VIAJANTE

Ó viajante, que busca os claros
nas certezaas de sendas seguras
cuida da tua candeia interna
guardiã das vidas mais puras.
Relaxa da tua mão esta adaga
que não serve para servir.
Usa apenas a tua mão que afaga
a cada um que passa por ti.

Não temas cavernas escuras
nem viver uma outra aurora
pois que terás duas terras:
uma de dentro e outra de fora.

NEUZAMARIA KERNER

O QUE VOS ESPERA

Não vos preocupeis
com a passagem do tempo
Não vos assombreis
com o futuro (impenetrável)
porque o que lá existe
é o vosso próprio destino

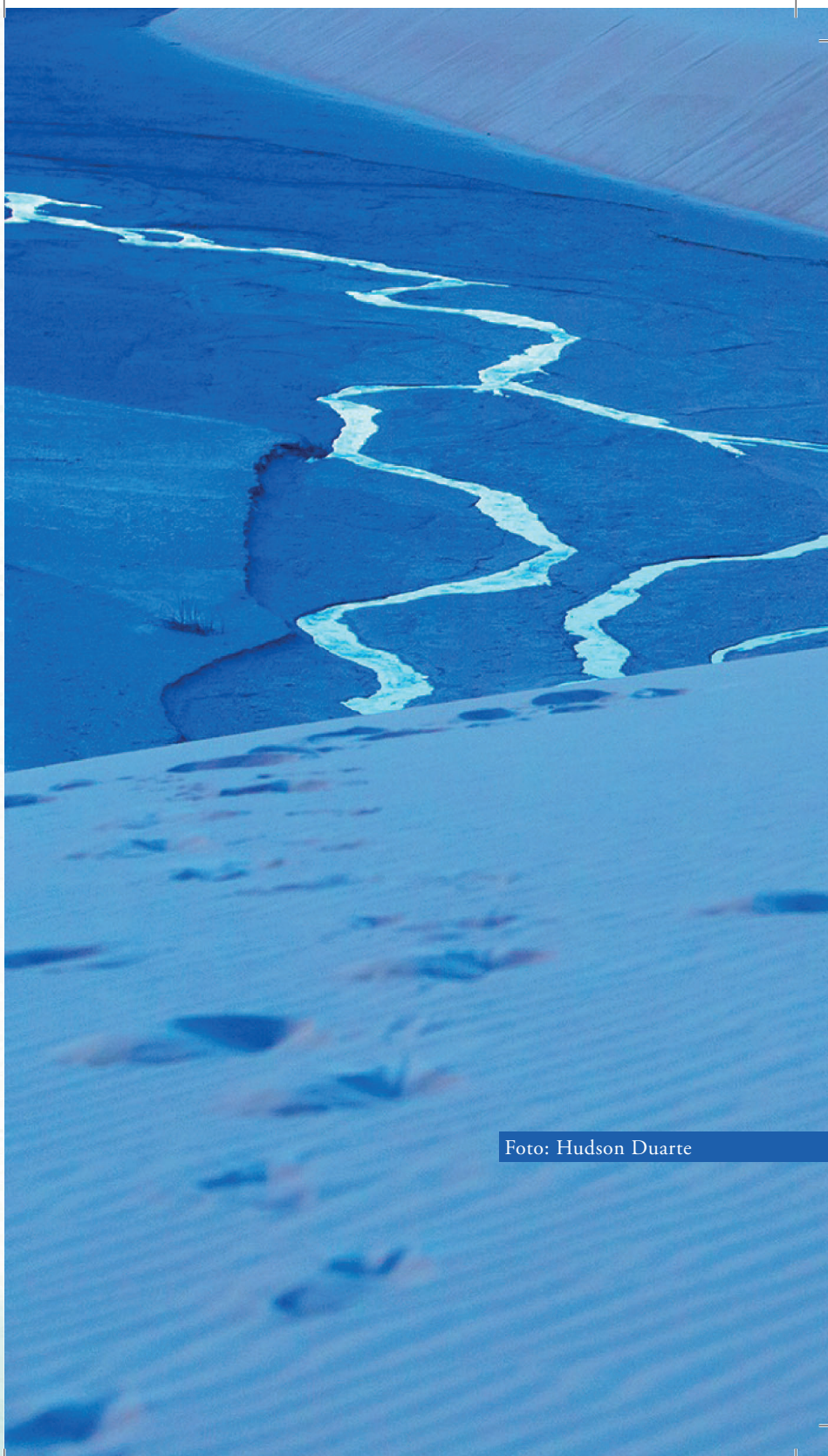



Foto: Hudson Duarte



A bênção, Inteligência Universal,
para nós todos, viajantes!